

Coluna do Castello

Ulysses na guerra contra o sol poente

“Eles agora estão neste bate-boca”. Deve ser mais ou menos com essas palavras que as pessoas que ouvem ou lêem as agressões verbais que trocam Ulysses Guimarães e José Sarney traduzem a inefável sensação que lhes deixa esse litígio entre antigos sócios do poder, a cuja operação conjunta atribuem as próprias dificuldades. Sabe-se que o candidato do PMDB segue o roteiro da sua assessoria, que lhe desenhou como símbolo o estilínque a partir da letra “y” do seu nome, e o seu conselho político, hoje encarnado na pessoa do candidato à vice-presidente, que querem vê-lo claramente definido como anti-Sarney, traço sem o qual jamais venceria a resistência popular à sua candidatura.



Acontece que seus principais concorrentes já tinham ocupado tanto a oposição ao governo federal quanto a faixa de esquerda da qual o *Novo PMDB* deseja estrangulá-lo. Brizola e Lula foram a expressão do oposicionismo esquerdista ao presidente da República e isso terá explicado o êxito dos respectivos partidos, PDT e PT, na eleição municipal de 1988, e o medo subsequente. E Fernando Collor de Mello já armava confusão na portaria do Palácio do Planalto, rompendo com Sarney, quando Ulysses Guimarães ainda indicava Bresser Pereira para ministro da Fazenda. Esse oposicionismo, esse antisarneyismo é por assim dizer histórico e antecede no tempo e na motivação a atitude atual do candidato pemedebista. Anote-se ainda que Mário Covas e seus *tucanos* afastaram-se do PMDB na fase da Constituinte para fugir então às ambigüidades do partido e à sua participação no governo e na estratégia política do presidente da República.

Não é na luta contra Sarney que Ulysses irá destacar-se e conquistar a confiança do eleitorado. Seu perfil no comando da oposição ao regime militar foi, certa ou erradamente, a do estrategista, a quem não faltava coragem para as estocadas oportunas mas que segurava o leme compondo, conciliando e velando pela unidade e a uniformidade de comportamento de uma coalizão a que se agregavam constantemente novas forças até à composição que permitiu, com Tancredo Neves, a vitória final contra o regime, sem excluir algumas compatibilizações com os dirigentes militares então em marcha sustentada pela revisão das instituições que haviam

erradamente substituído. Para ganhar no partido a candidatura, Ulysses teve que fazer uma escolha e abandonar a condição que historicamente assumira de integrar radicais e moderados, imaturos e realistas e assim por diante. Hoje ele tem dificuldades de assumir novamente esse papel, quando nada porque tem sentinela à vista.

Não será provavelmente nessa linha de uma oposição obstinada mas tardia a Sarney que ele concentrará o caminho da vitória. Por aí a estrada já está congestionada por caravanas que descem de todos os afluentes. E também porque Sarney já não é o alvo. Claro que Ulysses Guimarães continuará candidato importante enquanto houver a esperança de reunir seu partido e motivá-lo para produzir nas urnas o capital de votos que acumulou ao longo dos anos. Ao candidato não faltam determinação e inteligência para prosseguir na luta. E para observar que lhe basta independência em relação a um poder com a luz mortíça do ocaso.

A viagem de Collor

Já com perspectiva de alcançar no primeiro turno a maioria absoluta o candidato Fernando Collor de Mello dispõe-se a ir ao exterior para exhibir-se no palco político do mundo, a exemplo do que já fizeram Brizola, Lula e Ulysses. Ele iria fazer assim pela primeira vez o que seus concorrentes já fizeram e dizem que o fará por conselho de Montenegro, diretor do Ibope, que apontaria a conveniência da excursão para lhe polir a imagem. Enfim, o candidato viraria estadista.

Collor tem agido até aqui com sagacidade política e não se sabe ainda qual a parte dos seus assessores e amigos no desempenho que o vai levando a caminho da Presidência da República. Certamente ele pesou os prós e os contras dessa viagem, na qual produzirá um lugar comum das campanhas presidenciais desde Jânio Quadros. Antes disso, os candidatos, de Campos Salles a Juscelino Kubitschek, viajavam somente depois de eleitos. Mesmo Jânio fez uma excursão de seis meses depois de deixar o governo de São Paulo e antes de candidatar-se a presidente. Como candidato só se afastou do país em emergência, para ir a Cuba e reabilitar sua popularidade ameaçada por uma renúncia.

Stroessner em Brasília

Uma chácara na QI-5 de Brasília, nas proximidades da residência do embaixador da Argentina, teria sido alugada para residência do general Stroessner, ex-ditador do Paraguai, que se deslocaria para a capital em busca de melhor clima e maior distância do seu país.

Carlos Castello Branco